

ALGUMAS CONSEQUENCIAS  
do  
TERRAMOTO DE LISBOA

No seculo passado, quando já ninguem na Europa pensava em Portugal, quando o longinquo rumor das nossas victorias, das nossas conquistas, dos nossos descobrimentos se extinguiu com o decorrer dos tempos, veio um acontecimento desastroso chamar de novo para este pequeno canto da peninsula hispanica a attenção do mundo civilisado.

Esse acontecimento foi o terramoto de Lisboa de 1 de novembro de 1755.

A noticia da catastrophe correu a Europa de extremo a extremo, e foi espalhar um terror indescrivivel nos grandes centros de civilisação. Mais sombrio pavor não podia ter gelado os cidadãos agrupados no fóro de Roma, quando um correio, sulcando ao galope do seu cavallo a magnifica via Appia, entrou na cidade eterna a dar noticia do cataclysmo que sepultára n'um tumulo de lava ardente, envolto em mortalha de cinzas, a riden-tissima Pompeia.

O terramoto de Lisboa foi, durante muito tempo, o assumpto das conversações da Europa; a nossa capital completamente destruida obteve uma popularidade, que Voltaire ratificou escrevendo com a sua penna reverenciada um poema tão applaudido quanto semsabor.

Mas as coisas não pararam em tão pouco; o terramoto de Lisboa tinha de dar de si graves acontecimentos no mundo litterario, sem fallar nas elegias e sylvas que por aqui ferveram. Foi o caso que Voltaire e Rousseau, os dois dictadores da philosophia do seculo XVIII, viviam até essa occasião em muito boas relações, quer dizer não se apunhalavam senão com sorrisos. Vem o terramoto de Lisboa; Voltaire a proposito d'isso ri-se da Providencia, Rousseau ainda a vê mais clara no céu portuguez, avermelhado pelos reflexos do incendio que rematou a catastrophe. Voltaire puxa os punhos de rendas e responde com um epigramma; Rousseau arregaça as mangas do seu fato d'armenio e vibra-lhe uma brutalidade, zás tras, questão foi esta de Providencia e de terramoto, que d'ahi começou, para nunca mais se extinguir a celebre inimidade que durou até á morte dos dois escriptores, e que povoou os sonhos do desconfiado Rousseau de pavores e de phantasmas porque suspeitava que Voltaire o queria matar, ou espionar, ou plagiar, e lhe amargurou por conseguinte os ultimos annos de sua vida.

Tudo por causa do terramoto de Lisboa.

Ainda a coisa não fica por aqui. Vivia nessa epoca em Francfort sobre o Meno uma criança de seis annos que se chamava João Wolfgang Goethe. Ora essa criança, d'ahi a uns setenta annos, era um velho, como podem imaginar e um velho illustre e laureado, como todos sabem. Escreveu as suas *Memorias*, e ahí participou aos leitores que a sua infancia foi prodigiosa. Parece que aos

seis annos, quando os outros rapazes entravam ainda a meio caminho de perfeição completa no jogo do pião, estava elle já a meio caminho da sciencia universal.

Aos seis annos este Faustosito profundava uma grande parte dos conhecimentos humanos, sem fallar nos boiões de marmellada. Em 1755, J. W. Goethe, que nascera em 1749, meditava em Deus, e

«Não podendo, diz elle, formar uma ideia d'esse ente supremo, procurei-o nas suas obras, e quiz, á maneira dos patriarchas, erigir-lhe um altar; produções da natureza deviam servir-me para representar o mundo, e uma chamma accesa podia figurar a alma do homem elevando-se para o Creador. Escolhi por conseguinte os objectos mais preciosos na colleção das raridades naturaes que eu tinha á mão: a difficuldade era dispo-las de modo que fôrmassem um pequeno edificio. Meu pai tinha uma formosa estante de musica, de laca vermelha, ornada de flores d'oiro, construida em forma de pyramide quadrangular, com rebordos para a execução de quartetos; havia algum tempo que se serviam pouco d'essa estante; apoderei-me d'ella. Dispuz em gradação, uns por cima dos outros, os meus objectos d'istoria natural, de modo que lhes dêsse uma ordem clara e significativa. Era ao nascer do sol que eu queria offertar o meu primeiro acto d'adoração. Não estava ainda decidido sobre o modo como havia de produzir a symbolica chamma que devia exhalar um perfume fragrante; conseguí emfim cumprir as duas condições do meu sacrificio. Tinha á minha disposição pequenos grãos d'incenso; podiam, senão lançar uma chamma, pelo menos luzir quando ardessem e espalhar um aroma agradável; esse doce clarão d'um perfume incendiado até exprimir melhor, segundo a minha ideia, o que em tal momento se passava no meu espirito. O sol nascera já havia muito tempo, mas as casas visinhas ainda lhe interceptavam os raios. Elevou-se emfim bastante para que eu pudesse, com auxilio d'um vidro ustorio, accender os meus grãos d'incenso, artisticamente dispostos n'uma bella chavena de porcelana. Tudo sahiu segundo os meus desejos; a minha devoção foi satisfeita; o meu altar tornou-se o principal ornamento do meu quarto.»

Goethe não nos falla na surriada d'açoites que provavelmente apanhou por applicar a estante do papá a estes usos patriarchaes. O que nos diz logo é que n'esta occasião chegon a Francfort a noticia do terramoto de Lisboa: «Duvidei da bondade de Deus!» O pequerrucho, que não era de meias medidas, rompeu as suas relações com o Omnipotente, e supprimiu o altar!

Tudo por causa do terramoto que teve, além de muitas outras coisas, de dar contas a Deus da inimidade entre Voltaire e Rousseau, e do scepticismo de Goethe!

M. PINHEIRO CHAGAS.

## REGINA

## ROMANCE ORIGINAL

POR

## GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS

(Continuado do n.º 13.)

Ouvindo-a depois interrogar o misterio d'aquelle so-  
luço que lhe escapara do seio, o moço não pôde mais con-  
ter-se.

Deu dois passos para a frente, e com uma serenida-  
de que o tremor da voz desmentia bradou:

— Mentira são as paixões da terra, minha senhora!  
Mentira são as aspirações de nossas almas, esquecidas de  
que a transição da vida ao nada é curta.

E continuou exaltando-se progressivamente:

— O aniquilamento! quer saber o que se chama  
aniquilamento, Regina? Não o procure além deste mun-  
do. Volva os olhos em redor de si; encare-me a fito;  
e diga-me depois se o seu espirito precisa de mais luz  
para comprehender essa terrível palavra.

A pobre senhora, atrahida pelo som magnetico  
d'aquella voz, encarava-o fixamente e muda de assom-  
bro.

De facto, era tão grande a mudança que o desespere-  
ro e a doença causaram em Salvador que Regina sentia-  
se dominada por um sentimento de piedade tão intenso  
e doloroso, que lhe fazia acreditar no paradoxo do man-  
cebo. A estranheza do encontro, depois de tão longa se-  
paração, a lembrança dos acontecimentos que se tinham  
dado, tiravam-lhe a voz. Por fim, foi com esforço que  
ella respondeu:

— E' possível, Salvador! é possível. Não me convi-  
de porem a contemplal-o; haverá aqui effeito mais obriga-  
do para os meus olhos. Se a sua idea foi levar ao  
amago da minha consciencia mais uma dor, deixe-me  
dizer-lhe que ja não posso desentranhar forças para a sen-  
tir. Isto posso eu affiançar-lhe que se chama decrepi-  
dez, ou marasmo do espirito, o que virá a ser talvez  
o seu mesmo aniquilamento em que me falla.

— Não, não é — exclamou Salvador com força. —  
Menti! menti! e sinto ja o castigo da minha culpa, n'este  
incendio voraz que me requeima as entranhas. Pois que,  
Regina! já nem traços arrefecidos haverá na sua alma,  
do pensamento que ahí viveu outr'ora? Não fulge uma  
radiação divina d'essas profundezas em que a sua ima-  
ginação jaz sopitada? A inercia do seu coração não po-  
de espancar os espiritos tenebrosos que a impulsam para  
o horrído desespero? Não vê no seu largo horisonte des-  
pontar um raio de graça? Não pode altear-se, ate á es-  
perança das infinitas alternativas que se dão neste mundo,  
deslocando no seu revoltear circumstancias e creaturas  
que mudam a cada passo o nosso destino?! Diga Regina,  
diga — instou o mancebo tomando-lhe a mão — Não po-

demos esperar nada n'este mundo? E' preciso acreditar-o?

— É, meu amigo, é — accudiu ella — Grande crime  
seria o meu, se n'esta hora deturpasse a pureza do pas-  
sado, deixando-o laborar no erro... Vou partir para mui-  
to longe: ámanhan por estas horas saudarei os ultimos  
palmos da terra que me viu nascer e... quem sabe se pela  
ultima vez?! Se eu tornar ao Porto, a que já não ha nada  
que me prenda...

— Nem a saudade da nossa infancia? — atalhou o  
moço com dôr — Meu Deus! meu Deus! como esta mu-  
lher é cruel! como eu me enganei ate hoje! Como eu me  
perdi! como eu me perdi por ella!

Aqui Salvador escondeu as faces com as mãos, e  
suspирou.

Estes queixumes magoaram Regina. Com gesto  
afflictivo correu a mão esquerda pela fronte abrazada, e  
disse para o mancebo:

— Resignação! resignação e coragem, por aquella que  
alli jaz no seu leito eterno, e que ambos prezamos como  
irman. Que quer d'uma fraca mulher, que se sente des-  
penhada n'um abysmo de que não pode retroceder? Que  
vai d'este caminho á demencia, ao desproposito, e ao  
idiotismo? Resurja desse desalento, meu querido amigo;  
remoce a fantasia ate áquelles espaços por onde avoeja-  
mos juntos tantas vezes, e quando menos o pensar verá  
a seu lado a imagem d'outra mais feliz do que a pobre  
Regina... Pense então em mim, Salvador; dê uma lagri-  
ma á exilada das venturas da terra

— E julgas que eu poderei amar outra mulher? —  
redarguiu elle com paixão. Depois de ti, só Deus! Vou or-  
denar-me: serei padre. Arrastarei a vida como tantos  
desgraçados, embrulhado na tunica do cadaver. A teus  
pés — continuou elle ajoelhando — diante de ti, estrella  
sacratissima que me opulentaste os risonhos devaneios da  
minha primavera; scintilla de luz celeste, que rejubilas-  
te a minha orphandade; acceita o juramento que te  
faço de...

— Não jures, não jures — gritou Regina tapando-  
lhe a bocca com a mão — Fio do senhor o cuidado de te  
ver um dia feliz.

— Feliz! — repetiu elle com magoada ironia.

— Quem sabe? quem conhece as mysteriosas vere-  
das da vida? — tornou ella.

— Oh! se eu podesse aguardar uma idea... remo-  
ta que fosse! Se eu podesse consociar-me com a tua ima-  
gem! — replicou ainda Salvador.

— Não pensemos n'isso. Separemo-nos como duas  
pessoas amigas que não tem de ver-se mais neste mundo.  
— retorquiu a infeliz com simulada gravidade. — Que este  
adeus não tenha nunca de pungir-nos como um remorse...  
Faz-se tarde, meu querido irmão... coragem. — E  
abaixando-se repentinamente, poisou os labios sobre o  
ferro gradeado que circundava o sarcophago; apanhou  
duas folhinhas seccas que o vento atirava a seus pés, e  
exclamou: — Eugenia! o teu espirito vai comigo, santa; ao  
teu corpo, digo eu: até logo, irman, ate logo.

E voltando-se ainda uma vez para o mancebo mer-

gullhado na agonia, deixou-lhe cahir sobre os dedos uma das folhas murmurando:

— Adeus Salvador, adeus! Seja este o talisman que reuna as nossas almas.

— Regina! Regina! — gritou o moço estendendo os braços supplicantes para ella.

— Lá! — lhe respondeu apontando para o ceu, e sumindo-se por entre as sombras das campas.

## X

## Partida

Fluctuando na tormenta que lhe acordara o encontro de Salvador, Regina entrou na carroagem, convulsa, e dolorosamente conturbada.

Creada nos principios mais severos da honra e da honestidade, nunca até essa hora um pensamento criminoso dera entrada no seu espirito; agora porém, a voz do mancebo, a vehemencia do affecto que lhe consagrava, suggeriram-lhe ideias que ella quizera aspar da alma, até o minimo traço. Disposta a retalhar-as sem dó de seu coração, tomou-se do horror de que taes sentimentos vingassem; desenredou a consciencia atterrada, de um sentimento que a culpava pelas palavras trocadas com Salvador, e chegou a casa serena e satisfeita, lembrando-se da partida, que a roubava a taes conflictos.

O visconde, correu ao seu encontro, perguntando-lhe carinhosamente como se achava.

— Bem, meu amigo. Sinto o coração mais vazio — respondeu ella.

O visconde encolheu os hombros, e conduziu-a ao seu quarto em silencio. Nunca elle podera comprehender o espirito da esposa. Nos primeiros dias da sua união, irritara-se com as desvairadas ideias de que não percebia senão o desfavor para si; desde porém que Eugénia morrera tomou o excedente d'ellas como o resultado d'uma exaltação que o tempo havia de acalmar. Limitava-se portanto, nas escassas horas que passava a seu lado, a dirigir-lhe as palavras necessarias, esquecendo o que ella lhe dizia, como effeito d'um tresvario a que a reduzira a perda da irmã.

A noite foi agitada para Regina. Logo de manhã, D. Antonia e Anselmo vieram abraçar a unica filha que lhe restava, e de quem iam separar-se, talvez para sempre.

Como estavam mudadas aquellas duas creaturas! Tinham envelhecido por dez annos. D. Antonia sobre tudo causava piedade, não parecia aquella a quem poucos mezes antes do casamento de Regina, muitos contemplavam de preferencia ás filhas. N'esse tempo, fazia ella lembrar a arvore opulenta e magestosa abrigando duas formosas vergontees; e hoje, estava como aquelles troncos seccos e mirrados, que já não podem luxuriar verduras. Faltando-lhe Eugénia, perdeu a parte mais querida da sua alma. O marido era muito na sua vida; amava-o quase com o extremo d'outr'ora; mas, a sua

primeira filhinha, o ente que lhe fizera sentir as deliciosas sensações da maternidade; o anjo que lhe fizera bater o coração de goso, á palavra santissima da mãe; e que ella vira crescer com o enlevo da adoração, era uma parte necessaria para a sua existencia. Aquella alma fogosa estorcía-se n'uma incuravel desesperação. Para ella não havia socego. Chorava, gritava, blasphemava todo o dia, até cahir prostrada pelo cansaço, e recommear passados minutos na mesma furia, e nos mesmos bramidos.

Anselmo que tinha de presenciar todos os dias aquelle triste espectáculo, moderava a sua dor para tentar consolal-a. Fallava-lhe em Deus; aconselhava-a a lançar-se aos pés do Christo, a pedir-lhe a resignação e paciencia.

Raphael, que os considerava como pais, vinha tambem muitas vezes cevar a amargura da saudade ouvindo-os fallar em Eugénia. Quando Regina se juntava n'estas luctuosas reuniões, ella, que não menos profundamente chorava a inseparavel companheira dos seus dias felizes, ouvia todos aquelles queixumes, via o pranto correr em todos os rostos, e só ella se conservava impassivel; sem ter lagrimas, sem poder desentranhar de seu peito cerrado a magoa que n'elle refervia — sem limitativo nem expansão!

Chegada a hora da partida, os tristes pais abraçados na filha soluçavam amargamente:

— Tambem tu nos deixas filha? — dizia Anselmo. — Que negra velhice a nossa, Antonia! — continuou elle voltando-se para a esposa. E depois de permanecer assim alguns momentos, absorvido em intranhada meditação, juntou as duas mãos, elevou-as para o ceu, e exclamou com voz soturna:

— Nem uma, Senhor, me deixaes! Nem esta, que era a flor mimosa que eu tanto quiz abrigar das tempestades da vida! Que deploravel engano! Corri atraz dos preceitos do mundo, e deslembrei-me de que Deus me tinha dado dois anjos, que necessitavam, para viver, da seiva fecunda do destino, que lhe fora marcado no céo. Agora, espio a infausta cegueira que me remessou no fundo cháos de tantos infortunios! Expio, e choro: mas, de que vale chorar os erros do passado? De que serve vêr-me rico de penas e miserias; se não posso á custa d'ellas reaver a divina missão que me fora confiada. Oai filha! esperanza doirada dos meus ambiciosos dias! — bradou elle com crescente agonia — Prouvera a Deus que os meus olhos se fechassem antes de ver-te na deploravel situação em que te contemplo. Antes mil vezes eu que-ria esmolar para ti de porta em porta, do que assistir á decomposição do teu espirito, no meio d'estas pompas, d'estas grandezas malditas, que me offuscaram a razão. Porque não comprei eu a felicidade para ti, pomba do céo, quando o preço me era tão agradável? Por que te matei, a ti, e a tua irman! Pai desnaturado, e perdido no conceito do Senhor e dos homens!

— Meu querido pai, socegue — redarguiu Regina. Não augmente o desgosto d'esta separação com lamentos

que me rasgam a alma. Eide voltar curada d'esta melancolia que me definha; eide correr para os seus braços logo que possa dizer-lhe que encontrei o socego. Minha boa mãe! coragem. Não se afflijam d'esse modo. Eide escrever-lhes muito; e espero até que a minha sahida d'aqui será salutar a ambos. O espectáculo constante dos meus soffrimentos tortura-os em lugar de os aliviar. De longe já não será assim.

—Estás persuadida que nos esqueces?—perguntou D. Antonia.

—Não, minha mãe; eu sei que não. Oxalá que o esquecimento fosse menos acintoso com os desgraçados—respondeu a filha com um suspiro, que fez baixar os olhos aos atribulados pais.

O visconde que se impacientava, aproveitou aquelle intervallo, para lembrar queurgia o tempo das ultimas despedidas.

Anselmo voltou-se então para elle; recommendou-lhe a filha com estremosas palavras, rogando-lhe que não espassasse a volta senão o tempo bastante para colher bons fructos aquella arruinada saude.

D. Antonia tambem tentou fallar, mas os soluços embargaram-lhe a voz. Apenas pôde balbuciar, com as mãos estendidas sobre a cabeça de Regina curvada a seus pes:

—Adeus... adeus para sempre! Sei que te não torno a vêr, minha filha... Recebe a ultima benção de tua mãe.

Quando o vapor que devia conduzir-a a Lisboa para depois seguir á Madeira, singrava no mar alto, é que Regina como que despertou da lethargia em que se achava sepultada. Relembrou a scena da despedida; ouviu as palavras da mãe; e o coração até ahi ressequido e arido abriu-se de repente ao pranto que lá tinha represado. Chorou: pôde emfim refrigerar o ardor que a queimava. As lagrimas foram-lhe doces como ao condemnado á sede a gota d'agua. Deixou-as correr com a soffreguidão do sequioso, e agradeceu por fim a Deus o manifesto auxilio da Providencia, que era o primeiro signal da sua salvação.

De feito, desde aquelle dia, o seu rosto começou a ganhar uma côr. Os olhos foram perdendo a fixidez que era o effeito natural da concentração do espirito, e o corpo começou a criar forças.

O visconde, no auge do contentamento, logo que desembarcou na Madeira escreveu aos pais da esposa dando-lhe esta feliz nova. Exultaram elles. Contavam as horas até aquelle momento. Custava-lhes todavia a crer, em tão rapida cura.

—A mocidade pôde muito—disse por fim d'outras considerações D. Antonia. Só a Eugenia nada aproveitou!.. Quem sabe? Talvez que se a tivéssemos levado para longe d'aqui!...

(Continua.)

## RECORDAÇÕES DA INFANCIA

(FRAGMENTO)

Cedo se embala em leito alvissimo de neve,  
Aos harmoniosos sons, lá d'uma mãe que teve,  
Alli sentada ao pé, soltando mil caricias;  
Alli tendo o seu Deus, 'spargindo em mil delicias  
Os brincos, o sorriso affavel d'esses olhos,  
Que servem de pharoes na praia dos escolhos.  
A vida para a mãe se funde n'un affecto,  
Ao vêr a estrella d'alva em seu mui pobre tecto,  
Tão cheia de fulgor, que mais não pôde vêr-se,  
Tão cheia d'harmonia, assim qual Biblia ao ler-se,  
Entre as urzes e espinho inigo d'um calvario,  
Onde nos gela o corpo a ponta d'um sudario.

A infancia é meiga, linda harpa a desferir cantos,  
Nuvem doirada, que desfaz o vento em prantos  
Na passagem da vida á longa eternidade,  
Tão cheia de martyrio! esse irmão da saude,  
Que n'alma pouco a pouco o seio vai roendo,  
E da esperanza a luz tambem amortecendo.

Eu gosto desse tempo ainda de criança,  
Em que o bem e o mal não eram uma alliança;  
Mas sim éden a terra, os sons um brando côro,  
Delicias d'um porvir—depois desfeito em choro,  
Perdido como o som de lyra já quebrada,  
Como o sorriso branco e lindo d'uma fada.

Eu tive d'aza branca um anjo encantador,  
Que a vida suavizou ao bom trabalhador,  
Sentado junto a mim; livrou-me d'agonia;  
Que hoje a sonhada mãe, tornada n'uma harpia,  
N'un riso mofador com ella me deixára,  
E a existencia n'un mar iroso me tornára;  
Senão vêde o contraste agora n'esta lenda  
Da mãe que fôra já formar alegre tenda,  
Em volta do senhor:

## II

Tinha nascido o dia,  
E das aves o côro, essa linda harmonia,  
Não entra como out'ora as portas do seu lar,  
Embora com cuidado as ponha par em par.  
Escuta em volta um som, sómente imaginado,  
Correu a casa toda, e um grito malfadado,  
Peor que um longo brado em uma grande orgia,  
Plantou da pobre mãe no seio uma agonía.  
De lagrimas um manto estende-lhe no seio  
A dor, que junto a Christo esconde um vago anceio:  
Alli busca consolo em fonte toda pura,  
A vêr se qual Moysés, abrindo a rocha dura,  
Ella pode rasgar as sombras do caminho,  
E demandar um porto, e o seu bello filhinho.

## A ORAÇÃO:

Senhor! perdi meu filho,  
Não tenho mais que dar;  
Sou já véla perdida  
D'amor no immenso mar.

Senhor, era tão lindo,  
Tinha-lhe tanto amor;  
Deixai-me vê-lo ainda,  
Que eu dou-vol-o, Senhor.

Não vêdes estas lagrimas,  
Que meu peito destilla,  
Perdidas, como estrella,  
Que no teu céo scintilla?

São ellas o perfume  
Na dôr do coração:  
E, se eu vos offendi,  
Senhor, peço perdão.

Senhor! perdi meu filho,  
Tinha-lhe tanto amor;  
Deixai-me vê-lo ainda,  
Que eu dou-vol-o, senhor.

JEHOVAH:

Pois vae, mulher, perdida em véo poento,  
Seguindo esse caminho ladeirento,  
Que á estrada vae dar;

E, se até lá não vires teu filhinho,  
Não pares sem vigor, vae com carinho  
Tomando a caminhar.

Não vira a pobre mãe o collear da senda,  
Não ouvira o gemer da brisa pela fenda  
D'uma casa mui velha, alli s'perando instantes,  
Suavisando a vida aos pobres caminhanes,  
Qual oasis no deserto abriga o impaciente  
Levado pela sêde e pela calma ardente.  
Caminha pela estrada, e já parando escuta,  
Já vae qual forasteiro aos antros, que perscruta;  
Mas á porta foi dar d'um mui velho castello,  
Assentado na relva e d'um horrivel-bello.

III

Gemidos Soam...

A mãe escuta,  
E vae na lucta  
Parar tambem.  
E entra tremendo,  
Volta sorrindo  
N'um vago, infindo  
Amor de mãe.

Dentro na sala  
Inda umas vozes,  
Como d'algozes,  
Vão echoar;  
Mas já deserta,  
Não impedia  
Que quem ouvia,  
Podesse entrar.

E a mãe, coitada!  
Qual pomba leve,  
Branca de neve,  
Gemendo entrou.  
Quando voltava  
Vinha sorrindo  
N'um vago, infindo  
Amor, que achou:

Era o filhinho,  
Era o rubim  
Do Seraphim,  
Que a deus pediu.

Era o perfume  
Da meiga rosa,  
Bonina airosa,  
Que ao mundo rio.

Depois correndo,  
Toda ridente,  
Toda contente,  
Volta ao seu lar;  
E o seu filhinho  
Junta do seio,  
N'um vago anseio  
Torna a enlaçar.

Eu gosto desse tempo ainda de criança,  
Em que o bem e o mal não eram uma alliança.

ERNESTINA DA LUZ.

Villa Real.

## JOSÉ BALSAMO EM LISBOA

Os leitores das *Memorias de um medico*, por Dumas, conhecem José Balsamo; saibam, porém, que o homem prodigioso inventado pelo esplendido romancista é uma innocente burla. O conde de Cagliostro não merecia as honras de excitar a phenomenal fantasia de tão ardente cabeça. Se A. Dumas lesse de espaço o processo de José Balsamo, preso no castello de S. Angelo, correr-se-hia de cooperar para a immortalidade d'um sujeito que principiou a ser um pobre alarve desde que a desfortuna lhe desafivelou a mascara de velhacaria, cujo requinte parecia medir-se pelo da sandice dos seus admiradores.

No principio d'este seculo publicou-se em Barcellona um livro com este titulo: *Compendio de la vida y hechos de Joseph Balsamo, llamado el conde Calliostro. Que se ha sacado del Proceso formado contra el en Roma el ano de 1790, y que puede servir de regla para conocer la indole de la secta de los frances-masones. Traducida del Italiano.*

São 313 pag. em 8.º, cheias da vida sordidissima do aventureiro de Palermo, e de modo escriptas que se insinuam como verdadeiras por serem o texto das revelações que de si fez José Balsamo na inquisição, corroboradas pelo depoimento de Lourença Filisiani, sua mulher.

Esta Lourença seguiu-o a Espanha em trages de peregrina de S. Thiago; mas não consta que o sancto se possa gabar de tal visita, por que os romeiros quedaram-se em Madrid, elle a propagar que fazia ouro, e ella a ganhá-lo da maneira mais aviltadora.

São historias ruins de contar n'um paiz em que certas desmoralisações se figuram impossiveis como o parricidio para o legislador grego, que lhe não estatuiu castigo.

Não obstante, seja-nos concedido referir o que está escripto da deshonestidade da snr.ª Lourença, ou condessa de Cagliostro, como ao depois ella a si se agraciou.

Foragidos por certos motivos vieram dar a Lisboa. Agora que conte o anonymo biographo de José Balsamo.

Vertemos do hespanhol que o traduziu: «Chegados alli, (a Lisboa) o primeiro pensamento de Balsamo foi informar-se, como sohia fazer, das pessoas ricas e desenfreadas, e soube que alli havia um negociante, homem de character, como lhe convinha. Envio-lhe logo a mulher a pedir-lhe uma esmola, e o soccorro que obteve foi uma moeda acompanhada de uma torpe pergunta, citando-a para tal effeito em um seu jardim campestre. Por espaço de trez mezes amiudaram-se as idas áquelle sitio de..... (1) O medo, porém, d'algum desaguizado com a familia do negociante, furiosa por taes amorios, fez que Balsamo deixasse Lisboa e passasse a Londres.... onde uma criada lhe roubou porção de topasios que tinha ajuntado em Lisboa.» (2)

O negociante que teve a fortuna de hospedar entre as suas flores a esposa do maravilhoso José Balsamo era o opulento Anselmo José da Cruz Sobral, ascendente do actual conde d'aquelle ultimo apellido.

Quem quizer saber pormenores desta familia predilecta do ministro de D. José 1.<sup>o</sup>, leia-os nas *Recordações* de Jacome Raton desde pag. 341 a 350.

A'cerca de Anselmo, ditoso mercador da consorte d'um heroe de Alexandre Dumas, trasladaremos algumas passagens do seu contemporaneo Jacome Raton: «O irmão mais moço da familia, Anselmo José da Cruz Sobral, foi mandado... a Genova para aprender a lingua italiana e o commercio, donde voltou casado com uma senhora chamada Maria Magdalena Croca... Anselmo José da Cruz tinha viveza e sabia do commercio; porém o que elle sabia melhor era distribuir dinheiro com liberalidade em todas as occasiões que se offerciam de promover o seu interesse... Em todas as occasiões de regosijo publico dava funcções que mais pareciam de um principe que de um particular... Nada d'isto admira em um homem que soube grangear com a sua liberalidade tantas fontes de riqueza.»

Anselmo da Cruz não se pejava de apresentar José Balsamo nas salas das mais gradas familias. Vê-se que o marido de Lourença Felisiani lhe merecera em defferencia o que a esposa lhe ganhara do coração. Em prova d'isto, vem o sr. marquez de Resende com um estimavel opusculo ha pouco publicado com este titulo: *Pintura de um outeiro nocturno e um sarão musical ás portas de Lisboa no fim do seculo passado*. S. exc.<sup>a</sup> descreve as pessoas que confluíram ao velho solar das Picôas, residencia da familia Freires de Andrade, cujo varão depois houve o titulo de conde de Camarido. Na serie das damas e cavalheiros reunidos para o sarão poetico, estavam, escreve o sr. marquez: «... o cavalheiro Pinetti, grande prestigiador; o famoso impostor italiano José Balsamo, que depois de viajar pela Europa, com os nomes suppostos de marquez

Pellegrini, de conde de Harat, de conde de Pheniz, de marquez de Annas, e por fim de Cagliostro, que tomou em França, onde, na opinião de muita gente que, sem ter fé em Deus, cria em feitiços, passou por evocador das sombras dos mortos, foi depois a Londres, d'onde veio a Lisboa, com cartas de recommendação para Anselmo José da Cruz Sobral, por meio das quaes se introduziu em varias casas, onde, com a impudencia da raça charlatan, se inculcou a algumas pessoas por fazedor de ouro. Do lado opposto estava com os olhos pregados n'elle e apontando para elle o perapicaz intendente Diogo Ignacio de Pina Manique, dizendo ao seu particular amigo marquez de Lavradio ...: *não me cheira bem aquella cara...*» (1)

Esta noticia do sr. marquez de Resende desdiz da relação biographica já citada. Propendemos a desconfiar dos apontamentos do esmerado escriptor, por que o livro coevo e traçado em face do processo do grão-Cophita ou veneravel da maçonaria nos faz maior força.

José Balsamo, quando estanceou por Lisboa, chegára de Madrid e não de Londres. E' possível e até provavel que Anselmo da Cruz Sobral, a fim de honstar a apresentação do forasteiro, se inculcasse authorisado a isso por cartas recommendativas de boa procedencia. O que elle não ousava, decerto, era contar a pessoas tão fidalgas e pelo consequente honestas a origem das suas relações com tal familia, consoante as denuncia a historia conformando-se ás declarações da propria consorte do réo processado. O embusteiro, quando esteve em Lisboa, ainda se não tinha agraciado com os varios titulos lembrados pelo sr. marquez. As coroas nobiliarias inventou-as depois, á proporção que ia mudando de terra, perseguido pela justiça. O que elle fazia vislumbrar em Lisboa era que suspeitava ser filho do Grão-mestre da Ordem de Malta, Manoel Pinto da Fonseca. (2)

A aureola do prestigio formaram-lh'a depois os resplendores de Paris, irradiados de formosos olhos de mulheres, captivas do seu magnetismo satanico. Ainda assim, tão assignalado patrocínio não impediu que o conde Cagliostro se amofinasse por carcereos e tribunaes, até que, levado a Roma em cata d'algum repouso, a inquisição lh'o deu maior do que elle quizera, condemnando-o a perpetua prisão, em 1789. Seis annos depois, José Balsamo, o *illuminado*, teve a ventura de fechar os olhos á luz d'este mundo. Lourença, a denunciante das miudesas mais abominaveis na vida do marido, foi tambem condemnada a prisão perpetua em um convento. (3)

Quando passardes em frente do palacete das Picôas, e vos acudir á lembrança que alli esteve José Balsamo, o propheta da guilhotina de Maria Antoinette e da des-

(1) O historiador adelgaça tanto o fiado da historia que não se esquece de designar a quantia estipulada no tal convivio bucolico do negociante e da romantica amadora das flores. De Lourença diz um escriptor francez: *Ses charmes fournirent plus d'or a son mari que le croizet d'Hermès.*

(2) Pag. 39 e 40.

(1) Pag. 13 e 14.

(2) José Balsamo, nascido em 8 de junho de 1743, em Palermo, era filho de Pedro Balsamo e de Feliza Braconieri, gente de baixa condição.

(3) No proximo numero daremos noticia mais circunstanciada, traduzida de Denne-Baron.

truição da Bastilha, resai-lhe por alma, visto que elle morreu constricto, e se habilitou, por isso, a entrar no reino da gloria, que en a todos vos desejo, *Amen.*

C. CASTELLO BRANCO.

CARTA INEDITA

DO

CARDEAL D'ALPEDRINHA

Na chronica de D. João 2.º, conta Garcia de Rezen-de que o principe D. João, cioso das honras que seu pai D. Affonso V fazia ao cardeal de Alpedrinha D. Jorge da Costa, sahira um dia de Santarem cavalgando, com grande comitiva, em companhia do cardeal. A' entrada da ponte de Alpiarça, o principe mandou ficar os criados, e transpoz a ponte a sós com D. Jorge, e alguns moços de estribeira na vanguarda, e a distancia onde não podessem ouvil-o.

Rompeu o principe em virolentos queixumes contra o prelado, que se desculpava sem vingar amolecer o animo irascivel do futuro Luiz XI portuguez. Até que o principe repellindo as desculpas do espavorido prelado, exclamou: «Para que é nada, senão a um cardeal tão mal ensinado e desagradecido e de má condição, mandal-o tomar por quatro moços de esporas, e afogal-o em um rio, e dizer que cahiu e se afogou d'um desastre! (1)

D. Jorge ouviu, reparou, e viu que o Tejo estava alli á beira d'elle e debaixo dos olhos coruscantes do principe em quem elle conhecia summa capacidade para executar o programma.

Julgou-se morto o bom do cardeal. Isto o confessava elle depois em Roma, para onde se deu pressa em ir e d'onde mais não voltou a enrostar-se com o real carasco.

Sem impedimento do desamor que lhe tinha o principe e da natural correspondencia com que devia retribuir-lh'o, o cardeal D. Jorge escrevia desde Roma ao filho d'Affonso V frequentemente.

Notaveis por muitas causas deviam ser então as cartas do sabio prelado. No collegio cardinalicio era de muito o seu voto, exalçado por saber e virtudes. Xisto IV enviou-o seu legado a Veneza. Innocencio VIII deveulhe a theara, sendo elle quem negociou os suffragios d'outros cardeaes, com a authoridade do seu: e Alexandre VI não teria sido papa, se o cardeal D. Jorge quizesse o pontificado. Por equal com tantos creditos e honras, corria mundo a fama de sua altissima sabedoria. Preciosa por tanto devia ser a sua correspondencia com o principe D. João, da qual apenas resta estampado um fragmento de carta, na *Historia Ecclesiastica de Braga* por D. Rodrigo da Cunha.

(1) D. Rodrigo da Cunha, *Hist. eccles. dos arcebispos de Braga* (p. 2.ª pag. 271) relata as mesmas intenções do principe algum tanto variadas no feitiço: *Que vai agora na morte de um cardeal? tomal-o e mandal-o deitar por quatro lacaios de uma ponte abaixo, e dizer que cahiu d'ella.* Levava as mesmas voltas.

Se nos archivos nacionaes subsistem algumas cartas do cardeal de Alpedrinha a D. João 2.º e D. Manoel, não tenho quem m'o assevere. No codice 10245 da «Biblioteque Royal de Paris» sei eu que laboriosos investigadores portuguezes, e nomeadamente o snr. Roque Joaquim Fernandes Thomaz, acharam e trasladaram uma carta do cardeal D. Jorge da Costa enviada ao principe D. João, desde Roma, com data de 4 de novembro de 1480.

A mal-querença que os apartou não impediu que se cartearsem os dous principes, sobre negocios da egreja e da politica. Muito pôde consigo o cardeal que tão deveras se mostrava devoto das coisas de D. João 2.º resalvando para si o bom accordo de não voltar á patria.

Eis aqui e contheudo da carta, cuja orthographia é a mais esmerada dos sabios do seculo XV:

«Carta que o cardeal de portugal espreveo de Roma a elRey dō Joham sendo principe.

«Senhor.

«Depois de dadas graças a ds, por huu bacharel do porto meu familiar (2) vos esprevi asás largamete, os feitos do turco. Assi que sse vossa senhoria ouve minhas cartas, de todo serees beem enformado. Elles eram em duas maneiras, huu que tocavão a Rodes, e outros a Italia. Dos de Rodes no he necessario fazer mays mencom, soamente que he desçercado, ficou muy destroydo, morrerá sobre elle de 16:000 turcos pera çima (3).

Ho turco mandou ja matar o capytão principal q

(2) Este bacharel do Porto poderia ser Fernão de Sequeira, por via de quem o cardeal escrevera ao principe em 4 de fevereiro do mesmo anno a carta, cuja passagem, do seguinte theor, estampou D. Rodrigo da Cunha:

«Senhor, entio la Fernando de Sequeira meu escudeiro e familiar, homem muito vosso servidor de vontade e de quem cumuito confio. V. Senhoria lhe dê comprida fe, porque nom vai la por outra cousa, por que eu são (sou) homem de muito boa fe, e por tal me tenho em as cousas do serviço d'el-Rei vosso pay, e vossas, postoque me vós sempre fivesteis e tinhaes por home doutra ley; pero faço em meu officio, por sentir quanto esta embaixada releua vosso serviço, e a V. senhoria fique recebello em serviço, e não recebermoá Deus, o qual acho, que é, o por q homem todas as cousas deve fazer, por não perder galardão.»

Em sequencia da carta que vamos trasladando, em reforço á embaixada de Fernão de Sequeira, mandou D. Affonso V, no anno seguinte, uma armada defender Italia do turco. O commando coube ao bispo d'Evora, D. Garcia de Menezes que orou expleudidamente ao papa, e morren trez annos depois na cisterna sêcca do castello de Palmella, onde D. João II o mandou agonisar e por caridade lhe aligeirou as angustias com peçonha. D. João, a final, conseguiu que um papa lhe aquietesse com o perdão absolutoario algumas inquietações de consciencia. O bispo de Luiz XI estava de gaiola; o do outro facinorá de cisterna.

(3) Vai pouco augmentado pelo cardeal o numero dos infieis que o sancto ferro espostejou. Vertot, o mais sisudo historiador da ordem de Malta, escreve: *Solliman, pour couvrir la honte de cette fuite, et pour sauver l'honneur de ses troupes, fait sonner la retraite, après avoir laissé sur la brèche ou au pied des murailles plus de quinze mil hommes.* Histoire des Chevaliers hospitaliers; Tom. II, pag. 492. edic. fol.

tinha degredado, por q lhe non tomou a dita çidade. (4) Y depois de todo passárão por aqui muytos cavalleiros frãçesses, e doutras naçoens pera la se não desse Regno, q não pareceo alguu, e fallavam muyto nisso. Asi que neste feto de Rodes não he necesario escprever mays do que vos tenho escripto. Mas vindo aos de italia, o que se de pois de vos ter escripto seguio he isto. A armada que el-Rei dô fernando de napole fez por mar cõ ajuda que lhe deu o papa e collegio perdizimos de crezeria do Riame e 18:000 ducados em dn.º. E floreça e millam e outras potências de italia as taxas postas pelo papa a cada huu, así que comtãdo o que todos lhe dão achamos que haveria ja cem mil ducados alem das dez naaos que vierã de çecilia armadas e pagadas atãa o presente, não fez proveito algum pellos tpõs serem cõtrairos, E por que a gente he muu mal pagada. Pollo qual a dita armada mygoa cada dia. Asi que homde se esperava como vos escprevi q a armada per mar tivesse o porto, e cobatesse por sua parte, quando ho exercito por terra chegasse, segudo era acordado. Os navios do turco vem a Otrõto, cid.º q he tomada, e trazem artilharia e todo bastimt.º q lhe cumpre, E he o papa çerto que entrãrão, poucos dias há, 24 vellas nelle. Vossa Senhoria veja se o pode bem bastecer e afortelezar. Outrosi o eixerçito per terra atãa agora não fez nada, antes receberã danos dos turcos, quehonde a a primeira erã poucos segudo per m.º cartas verieis, agora sam muitos, e ham lhe tamanho medo os nossos que os não ousam de os cometer, que dize que são muy estranhos homes de guerra: así q como mingoa a frota, isso mesmo faz ho eixerçito da terra.

Os que la erã así de pee como de cavallo foge pollo q dito he. E por que tambem sam mal pagos. Destas duas primisas tome vossa senhoria esta cõclusam, que os turcos estãa e esperã destãr a seu prazer atãa o começo do verãao, quãdo se espera por gente grosa. O turco he já partido de costãtinople pera escutery pera dar aquelle aviamento que lhe cõpre, a armada sua q era em Rodes a vem ajuntar cõ a de otrõto. E assi ajuntará em este meio tpõ tam grãde frota per maar que outra lhe não posa resistir. ElRey nõ faz outra cousa se nã mãdar ao papa e a estas outras senhorias que lhe mãdem dinheiro. a famahe q do seu nom qr. despender nada. O filho duque de Calabria que he teudo por bom cavalleiro, esta desesperado com elle. E parece a cousa, segundo o processo, que leva, despachada, se ds (Deus) por sy o non Remedea. Ha poucos dias que lhe o papa mãdou dinheiro, e así o collegio pera a gente de pee dizendo elle que com 4:000 homees de pee que lhe pagassem cõ os que elle ja tinha por dous meses, esperava acabar seu feito. O dnº pera os quaes lhe foy dado. Agora mãda pedir que lhe dem 8:000 o papa, e milão e floreça pagados por trez mezes, por que os nõ pode la achar ne tem dinheiro pera elles, e que poys o Reino he da Igreja que lhe soccorra que o nõ pode per sy Remediar.

(4) Allude ao general Mustapha que o sultão mandou assetear por que lhe aconselhãra o cõrco cuidando que assim lisongeava o sultão.

Elle enquãto a gente do turco foi pouca nõ se quis so-correr, e todo o tpõ despemdeo em mãdar pedir dnº de quã prallã por nõ despemder do seu, homde he çerto que tem muy grãde tesouro. Agora bem se cre ja q elle nõ pode aynda que queyra, quãto mays que parece q nõ quer. E todos ham isto por cousa de çeeo e açoute de ds. Trabalha o papa quãto pode por ajuntar e unir Italia e buscar modos e remedios. Apartou (?) elle e o collegio que estivessem n'estes feitos, e em todos outros, seis cardeaes, por que elle he ja muito fraco, dos quaes eu som o mays pequeno. E así estamos nestes trabalhos, todo o que nos parece Representamos em comsistoryo aa sua santidade. E para vos verdes Senhor q isto hé cousa de ds contra o qual não ha hi conselho nẽ prudencia, esta Italia he tam apassionada e posta em tãtas cobiças, enfi-delidade e outros maaos viciõs que nunca se pode unir atãa ora. E cada hun vemdo manifestamete sua perdiçã qr perder huu olho por seu visinho ser çego de todo. E así ham todos emfim de ficar çegos. Nõ querẽ cõsitar em como cada hun per si nõ pode Resistir se se todos nã unirem, e nõ se ham de unir senã depois que unidos tam pouco poderem aproveitar, o que seria sem duvida, se os turcos ali imvernão. De florêça agora esperamos que venhão e o que eu trabalhey tamto quãto tenho escripto a elRey. Os venezeanos e nenhũa maneira querem entrar nisto, dizendo que poys tem paz cõ o turco, nõ querem guerra, ca 19 annos lha mãtiverão e nunca nenhũu os quis ajudar senã o papa só o que pode, e que el-Rey e os outros sempre rirão d'elles e tem perdido muyto do seu senhorio, que por tanto querem ver que fazem os que d'elles se riam. E que o principal era el-Rey que sempre lhes foy muy citrairo que aynda q saybam se o turco tomar Italia não ficarem elles de fora. Pero querem ser os derradeiros. O turco non mãtém verdade em cou-sa que prometa ne trato que faça, poys çerto he que sem elles Italia não podera resistir segũdo a opiniam de todos os que sabem. O ducado de milão estãa em poder de hũa molher (5) e de huũ moço de doze annos, e he em tanto trabalho que nõ pode remeudar a si nẽ a outrem aproveitar. Agora estamos em fazer taixas e buscar dnº e gentes per todo o mũdo, mas a my parece que começamos tarde, se ds por si nom toma cuydado desta fazẽdo comodiecto he. De Roma a 4 de nvº de 1480. Jorge Cardeal.»

Rasão tinha D. Jorge da Costa para remetter a salvação e «fazenda» de Italia aos cuidados de Deus. O terror na Europa era grandissimo, quando a armada othomana ganhou de assalto Otrante, em 21 de agosto de 1480; mas as forças do papa e as do rei de Napoles vingaram afugentar o turco e retomar a praça. Mahomet 2.º morreu em julho do seguinte anno. Seus dous filhos Bejazet 2.º e Zizim vieram às armas entre si, e a christandade pôde respirar e aparelhar-se para mais desafogada defesa.

C. CASTELLO-BRANCO.

(5) Esta carta é datada em 4 de novembro; a 2 do mesmo mez tinha sido expulsa de Milão a duqueza Bonne de Saboya, a quem allude o cardeal.